

Tóssan: um legado de humor

ALCIDES MURTINHEIRA

(Viena e Bratislava)

TÓSSAN: A LEGACY OF HUMOUR

In the history of art – art being taken in a broad sense, likely to encompass both painting and, for example, literature – we often come across creators who, voluntarily, out of modesty or even for lack of opportunities, accepted to remain in the background, never seeking the limelight that others (critics, spectators, readers) think might have been within their reach. In this article, much more than making an in-depth or critical analysis of an artist's (unusually multifaceted) work, we would like to draw the attention to the career of someone who most certainly deserves greater knowledge (and recognition), also in the academic environment, where it is uncommon to approach an essential element of human condition to which he dedicated much of his life: humour. Tóssan was more than a humourist (in his writings and drawings) though, since he embraced other areas, such as children's literature, poetry recitation, scenic design, illustration or decoration. A very sensitive, empathetic person, Tóssan also knew how to give centre stage to those he thought deserved it, from the authors of the texts he illustrated to the tireless promotion he made of a semi-literate popular poet, António Aleixo, whose work he made known by reciting it in informal occasions as well as before academic audiences. As a poet and a short story writer (and also a storyteller), Tóssan added an innovative element of nonsense to the *double entendres* that have always characterized much of Portuguese humour.

PALAVRAS-CHAVE: Tóssan, humor, pluralidade artística, literatura infantojuvenil, António Aleixo

KEYWORDS: Tóssan, humour, artistic plurality, children's literature, António Aleixo

INTRODUÇÃO

Em ambientes académicos, quando se fala de arte ou de literatura, quando se seleccionam tópicos de estudo, esquece-se um pouco (para não dizer muitas vezes) o humor, como se ele não fosse uma expressão de arte, e esquecem-se também frequentemente formas artísticas voltadas para um público infantil ou infantojuvenil, no qual nascem, afinal, os futuros leitores, os futuros visitantes de museus, espetadores de teatro ou cinema, os futuros consumidores de arte.

Neste artigo não se procura fazer uma análise profunda, muito menos crítica, de uma obra, nem proceder à abordagem de um tema em particular: deseja-se sobretudo – por uma questão de justiça – pôr o foco numa das personalidades mais criativas da cultura portuguesa do séc. XX, que, talvez por ter sido tão versátil, corre o risco de ficar esquecida, já que não se distinguiu numa só área e combinou inclusivamente várias com o propósito primordial de divertir com inteligência e grande originalidade. Por outro lado, pretende-se fazer acompanhar a biografia pessoal e artística de Tóssan de referências a lugares e formas de divulgação cultural que o tempo alterou e, nalguns casos, foi progressivamente eliminando, mas que pertencem à história da vida artística portuguesa e, muito em especial, ao que pode designar-se de cultura popular.

Tóssan é, aparentemente, um nome estranho, mas acaba por ser de fácil compreensão se repararmos que se chamava António Fernando dos Santos, afinal dois nomes próprios e um apelido bastante comuns, do primeiro e do último dos quais retirou uma sílaba para formar o nome com que assinaria a maior parte dos seus trabalhos. De tudo o que era comum António Fernando dos Santos sabia criar algo de original; no fundo, não surpreende que o tenha feito também a partir do seu nome.

Tóssan foi cenógrafo de teatro, caracterizador, ator, pintor, caricaturista, ilustrador, decorador, vitralista, escritor, humorista e aquela pessoa que, depois dum jantar mais ou menos formal, entretém

os convivas com as suas histórias, tantas vezes construídas com base no seu poder de observação.

1. PRIMEIRA APROXIMAÇÃO À ARTE

Tóssan nasceu no Algarve, em Vila Real de Santo António, a 30 de maio de 1918, e cedo, pelos 11 ou 12 anos, começou a pintar, num estilo algo tradicional, a óleo e a guache. A família, entretanto, mudou-se para a capital da província, Faro, e aí Tóssan aliou à frequência do ensino secundário a prática de hóquei em patins, um desporto que começara a tornar-se popular em Portugal nos finais da década de 20¹. Entre jogadores e dirigentes era conhecida a capacidade do jovem praticante para fazer caricaturas e começaram a pedir-lhe para serem também “retratados” dessa forma humorística. E não foi difícil, até pela proximidade geográfica com a sede do clube, que a notícia desse talento chegasse ao vizinho Teatro Lethes de Faro, onde numa ocasião, escassas horas antes da estreia de uma revista (género teatral que combina a música e a crítica social e política²), se constatou faltar um

¹ Introduzido em Portugal por elementos da comunidade britânica, como havia sucedido com o futebol, o hóquei em patins, jogado por equipas de cinco jogadores calçando patins e usando um *stick* para tocar uma bola de 23 cm, ganhou no país uma rápida popularidade, rivalizando com o futebol nos anos 30 e 40. Para tal muito contribuiu o êxito das seleções portuguesas, que foram ganhando inúmeros títulos em competições europeias e mundiais. Porém, o facto de haver um número relativamente restrito de países onde se pratica regularmente (nalguns, por exemplo da Europa Central e de Leste, é mesmo desconhecido), e a não-integração no leque de modalidades olímpicas foi levando a que o número de adeptos diminuísse, em comparação com o futebol, embora o número de vitórias de equipas / seleções portuguesas seja ainda hoje muito superior ao obtido em competições futebolísticas internacionais.

² Com uma forte ligação à cidade de Lisboa (talvez por a primeira revista aqui se ter apresentado em 1850), esta forma teatral chegou a outros pontos do país, muito graças às companhias de teatro amador. Não tem um fio condutor, ou seja, não tem um enredo, apresentando uma sequência de quadros em que se satirizam costumes e personalidades conhecidas, a par de alguns números musicais, com melodias de fácil apreensão. Durante o regime autoritário que vigorou de 1926 a 1974, os autores tentavam ludibriar a ação dos censores recorrendo a trocadilhos e frases com duplo sentido, que os espetadores acabavam por compreender,

cenário, problema que Tóssan, com apenas 16 anos, rapidamente resolveu, recorrendo à técnica da *drip painting*, oriunda do expressionismo abstrato e que consistia em lançarem-se pequenas ou maiores quantidades de tinta de diversas cores para uma tela (uma grande tela, no caso do teatro), deixando-se os pingos deslizar e entrelaçar (ROSA, 2019: 9). A partir de então passou a criar cenários para outras produções da companhia de teatro amador aí residente, à época uma das mais prestigiadas no país. Com a rádio ainda a “instalar-se” e, naturalmente, sem ainda haver televisão, eram em número considerável os grupos de teatro amador, cujos espetáculos mantinham um público fiel, ainda que normalmente circunscrito às localidades onde as companhias se exibiam. Nalguns desses grupos amadores formaram-se atores e técnicos que, mais tarde, optaram pelo profissionalismo. A maior parte dos integrantes, porém, mantinha as suas profissões “diurnas”, procurando nessa atividade amadora expressar as suas tendências artísticas e também ter a oportunidade de discutir ideias e valorizar-se em termos culturais. Alguns dos teatros ou pequenas salas serviam, assim, como espaços de convívio, onde se travava conhecimento com novas correntes literárias e artísticas e se podia, às vezes, discutir política, o que as entidades do Estado Novo sempre considerariam subversivo e requeria, portanto, algum sigilo. O Teatro Lethes, que ainda hoje ostenta na fachada a placa *monet oblectando*, ou seja, “instruir, brincando”, foi durante décadas popularmente chamado de “primeira universidade do Algarve”.

2. COIMBRA E UM ENCONTRO MARCANTE

No que ao teatro diz respeito, vivia-se um período de grande contacto e intercâmbio entre as companhias amadoras do país, e destas viria a destacar-se sobremaneira o Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC), fundado em 1938 e com o qual

gerando-se assim uma cumplicidade muito interessante entre atores e público. Após a abolição da censura, decorrente das mudanças trazidas pela Revolução de 25 de Abril de 1974, esse aspeto mais atrativo do teatro de revista foi-se perdendo (por ser, no fundo, já desnecessário), diminuindo também o número de produções e de espetadores.

Tóssan colaboraria alguns anos depois, não só como cenógrafo mas também como caracterizador e até, pontualmente, como ator. Infelizmente a ida de Tóssan para a região de Coimbra no início dos anos 40 não ficou verdadeiramente marcada pela entrada para a Universidade, cujos edifícios estavam então a ser remodelados e a adquirir a traça arquitetónica que têm hoje. Como aconteceu com muitos naquele tempo, ainda muito jovem Tóssan contraiu o bacilo de Koch, conhecido como tuberculose pulmonar. Supõe-se que o contágio tenha ocorrido durante a sua atividade de decorador dos carros alegóricos do Carnaval de Loulé, localidade algarvia que reivindica para si ter sido a primeira no país a transformar o Carnaval num espetáculo para multidões (e não só para pequenos grupos dispersos), organizado, segundo os seus promotores, “de forma civilizada”.

A tentativa de cura da tuberculose levou-o então a ser internado no sanatório dos Covões, muito perto da cidade de Coimbra³. Aí internado, desenvolveu a sua veia humorística – talvez como fuga a uma realidade adversa –, escrevendo poemas e pequenas histórias, em que combinava a tradição humorística portuguesa do duplo sentido (muito patente, por exemplo, no já aludido teatro de revista) com um sentido do absurdo (o chamado *nonsense*), até então pouco usado.

Se tudo na vida
é porte
e o porte
é tudo na vida,
o portar mal
não é porte
no porte
da própria vida.

³ Inicialmente a quinta onde o sanatório se situava deveria consistir num conjunto de edifícios (dormitórios e escolas) para acolher os órfãos de combatentes portugueses mortos na 1ª Guerra Mundial, para tal se tendo recolhido financiamento junto da colónia portuguesa no Brasil. O objetivo não se cumpriu e, quando a tuberculose começou a grassar em Portugal, o médico e político Fernando Bissaya Barreto (1986-1974) propôs que os edifícios fossem restaurados e usados como sanatório masculino, dado já haver nas imediações um estabelecimento de saúde idêntico só para mulheres (<https://restosdecoleccion.blogspot.com/2012/10/sanatorio-da-colonia-portuguesa-do.html>).

E como a vida
não comporta
esse comportar
na vida,
não devemos suportar
aquilo que não importa.

(TÓSSAN: *Versos côncavos...*: 109)

Dinamizou o dia a dia do sanatório com pequenas tertúlias literárias, tendo até participado na fundação de uma estação de rádio (naturalmente amadora) que emitia para a área de Coimbra. Era também visitado, com os cuidados que a sua situação clínica requeria, por estudantes conhecedores do seu talento de caricaturista. Havia então a tradição académica coimbrã de se organizarem livros de curso, nomeadamente do último ano de cada curso, dos quais constavam caricaturas dos estudantes finalistas, acompanhadas de frases ou pequenos textos sobre as suas características pessoais, sempre num tom bem-humorado. São inúmeros os trabalhos de caricaturista levados a cabo por Tóssan nesta fase, a ponto de ser visto como estudante universitário, o que, na verdade, até por razões óbvias, não era. Como curiosidade, note-se que, por vezes, em vez de se fazer pagar em dinheiro por essa atividade, pedia que a remuneração fosse em víveres para não ter de se cingir sempre à comida pouco variada que era servida no sanatório (<https://almanaquesilva.wordpress.com/tag/tossan/>).

O que lhe deixou memórias mais gratas do tempo passado nesta instituição clínica, para além de ter conseguido vencer os problemas de saúde, após uma operação delicada, e de ter conhecido a sua futura mulher, enfermeira no sanatório e filha de um dos médicos que o tratavam, foi aí haver travado conhecimento e amizade com um doente muito especial: um poeta popular também algarvio, um pastor pobre que procurara a sorte na França, mas voltara para o Algarve, sobrevivendo a vender lotaria, e cuja facilidade em criar versos o impressionou: António Aleixo (1899-1949)⁴.

⁴ António Aleixo improvisava a maior parte dos seus versos (exatamente por quase não saber escrever), os quais, apesar de sofridos, por refletirem a sua vida difícil,

Tóssan admitiu sempre que o contacto com António Aleixo fora um dos acontecimentos mais marcantes da sua vida, tal a admiração que nutria pela riqueza da sua poesia. Aleixo tinha muito pouca instrução (era quase analfabeto), mas era dotado da chamada sabedoria ou filosofia popular, e Tóssan decidiu datilografar os versos desse poeta, para que pudessem um dia ser publicados e não fossem esquecidos. Outros pacientes do sanatório o fizeram também. Incentivou-o ainda a criar peças de teatro ao estilo de Gil Vicente (c. 1465-c.1536), o dramaturgo que viria a ser chamado “pai do teatro português” e que privilegiava o auto (peça em verso, geralmente cómica, mas com um carácter moralizador) como forma teatral capaz de criticar a sociedade do seu tempo. Nasceram, assim, *O Auto da Vida e da Morte* e *O Auto do Curandeiro* (estreada no próprio sanatório), com personagens-tipo facilmente reconhecíveis na sociedade algarvia que Aleixo tão bem conhecia (ROSA, 2019: 11).

Quando pôde sair do sanatório, em 1947, manteve-se em Coimbra e passou a colaborar diretamente com o grupo de teatro amador dos estudantes, desenhando os cenários das peças, encarregando-se da caracterização e representando até pequenos papéis. Dificilmente se poderia dizer que era um “estudante de Coimbra”, se nos reportarmos ao que mais imediatamente se espera de um “estudante” (frequência de aulas, realização de exames...), mas foi um “estudante de Coimbra” no sentido de se interessar pela cidade e pela oferta cultural que ela (mais do que a grande maioria das cidades portuguesas) então proporcionava. Numa época politicamente marcada pelo autoritarismo do Estado Novo, se bem que com óbvias dificuldades, crescia um movimento oposicionista em cujo centro estavam intelectuais e estudantes, que, por exemplo, no âmbito literário abraçavam o estilo neorrealista, de que era expoente máximo a revista literária *Vértice*, fundada em Coimbra em 1942 e que, três anos depois, começou a distinguir-se de outras anteriormente

estavam eivados de humor, pelo que não é difícil perceber a imediata admiração que Tóssan sentiu pelo chamado “poeta-cauteleiro” (“cauteleiro” é uma palavra antiga que designa quem vende lotaria nas ruas). Acabaria por morrer de tuberculose, no “seu” Algarve, não tendo testemunhado o apreço que a sua obra viria a merecer décadas depois, em parte devido à incansável promoção que dela fazia Tóssan. Hoje em dia, em Loulé, há uma fundação privada com o seu nome, com fins culturais, artísticos e de combate à exclusão.

publicadas por se abrir a uma multidisciplinaridade de temas e formas artísticas algo incomuns na época. Desse movimento neorrealista Tóssan reteve mais o que se aplicava ao desenho, fazendo alguns trabalhos que representavam a pobreza e as duras condições de vida da maioria dos trabalhadores. No entanto, também a nível da produção poética (que esperava um dia, mais tarde, poder publicar) se regista, ainda que de forma não propriamente engajada, uma aproximação a temas mais sociopolíticos.

Nem tudo vale na vida
mas na vida vale tudo,
vale o nascer e o morrer
vale o perder-se a infância
vale acender a beleza
vale ganhar-se a distância
vale o vale na paisagem
vale o Sol e o luar
vale a sombra e a imagem
vale a sede e a água
vale o encontro e o desencontro
vale o ver e o antever
vale o protesto e a verdade
vale tudo quanto é puro.
E vale escrever num muro
um viva à Liberdade.

(TÓSSAN: *Versos côncavos...*: 35)

3. HUMOR PARA TODAS AS IDADES

Dois vultos da literatura brasileira visitaram Coimbra no início dos anos 50: o crítico Agrippino Grieco (1888-1973) e o escritor José Lins do Rego (1901-1957), que foram retratados por Tóssan e ficaram surpreendidos pelo modo como, depois dos encontros em que se falava de literatura, contava as suas histórias bem-humoradas, sempre sem ler. O Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra foi convidado para ir ao Brasil em 1952 e em 1954 (ano que se

festejavam os quatrocentos anos da fundação da cidade de São Paulo) e a capa do livro que relatava a digressão feita em 1952 por várias cidades brasileiras foi o primeiro trabalho publicado com uma ilustração de Tóssan. Já na época, os brasileiros tinham a ideia de que os portugueses eram muito sérios e pouco espontâneos, mas acabaram por encontrar em Tóssan um português com um ar realmente sério, mas muito divertido, contando as suas histórias como se simplesmente estivesse a conversar, numa combinação perfeita entre um certo formalismo na apresentação e uma comicidade inesperada no conteúdo do que dizia (ROSA, 2019: 78).

A década de 50 é em grande parte dedicada à ilustração, fosse de capas de romances (portugueses ou traduzidos) ou de passagens de livros infantis. Ele próprio tinha um gosto especial pela literatura para os mais novos e criava pequenos textos e poemas com que deliciava os filhos de familiares e amigos (Tóssan e a mulher nunca foram pais). Em 1959 publica um livro com 54 desenhos e jogos de palavras a partir da sílaba / do nome “cão”, com uma originalidade que leva a que seja apreciado por um público mais vasto do que apenas o infantil. Estes são alguns desenhos e trocadilhos desse *CãoPêndio*⁵:



Em maio de 1957 o jornal vespertino *Diário de Lisboa* deu início à publicação semanal de um suplemento juvenil, uma tradição – também de outros jornais – que se foi perdendo no tempo e que constituía, no fundo, uma oportunidade para jovens com talento para a escrita poderem ver publicados os seus textos, além de jornalistas e escritores já estabelecidos escreverem também para um público infantojuvenil. Tóssan foi convidado a fazer diversas ilustrações,

⁵ Em 2017 o Plano Nacional de Leitura, uma medida governamental que visa incentivar os mais jovens a ler, integrou *Compêndio* na lista de obras para os leitores mais pequenos.

muitas delas de animais, mas sabendo-se da sua capacidade para inventar histórias rapidamente foi solicitado a também escrever e aí publicou as divertidas *Aventuras do Grande Detetive Pararraios*.

Nunca sentiu que determinados trabalhos, como, por exemplo, na área da publicidade comercial, a que também se dedicou, fossem apenas uma forma de subsistência: eram-no, realmente, mas nunca se lamentou pelo facto de poder ser visto como estando em segundo plano por realizá-los ou por ilustrar o que outros escreviam. Punha sempre empenho e entusiasmo no que lhe davam a fazer e sentia como um enriquecimento pessoal poder espriar a sua criatividade por áreas muito distintas. Não surpreende assim que aceitasse o convite para executar trabalhos gráficos e decorativos na Embaixada do Brasil durante quase toda a década de 60, mostrando-se sempre grato ao diplomata Alberto da Costa e Silva⁶ pela oportunidade.

Manteve a colaboração em iniciativas da Associação de Estudantes de Coimbra, adequando o reportório das suas intervenções ao ambiente mais contestatário desse público, procurando através dos seus tão característicos trocadilhos escapar à atenção dos censores. Neste poema, aparentemente absurdo, a referência a São Bento poderia reportar-se ao santo, à principal estação ferroviária da cidade do Porto ou ao Palácio de São Bento, em Lisboa, onde residia o primeiro-ministro da época e mentor do Estado Novo, António de Oliveira Salazar (1889-1070):

Ontem
comi toda a sintaxe
da língua portuguesa em escabeche
vivemos debruçados num período agudo
de acento grave
nesta nação em exclamação.

É fatal como o destino
o intestino clandestino
intestinal.

⁶ Alberto Costa e Silva (n. 1931) foi secretário da Embaixada do Brasil em Lisboa entre 1960 e 1963 e regressou à capital portuguesa como embaixador em 1986. Além de diplomata, é poeta, ensaísta e historiador (com foco no continente africano), tendo sido galardoado em 2014 com o Prémio Camões, considerado o maior prémio de literatura lusófona.

Que bom seria
uma bentania
em São Bento num só dia
e ponto final.

(TÓSSAN: *Versos côncavos...*: 25)

Em 1968, por motivo de doença, António de Oliveira Salazar foi substituído por Marcello Caetano (1906-1980) na chefia do governo e inicialmente registou-se alguma descompressão sobre a ação da Censura, permitindo-se a abordagem de temas mais polémicos na comunicação social e a presença nesta de certas personalidades opositoras do regime. A 24 maio de 1969 estreou na RTP (Radiotelevisão Portuguesa, único canal então existente) o primeiro programa com auditório, ou seja, com público presente numa sala (o Teatro Villaret), e que hoje em dia se designaria de *talk show*: *Zip-Zip*⁷. Alguns meses depois, a 30 de junho, Tóssan foi um dos entrevistados. Emocionou-se ao falar de António Aleixo, que nunca esquecia e cuja personalidade e obra sempre procurava divulgar, surpreendeu os telespetadores (que, na sua maioria, nunca tinham ouvido falar nele) com a sua versatilidade e divertiu-os quando recitou uma *Ode ao Futebol*, que escrevera em 1945, ainda no sanatório e que permanece até hoje o seu texto mais conhecido.

Retângulo verde
meio de sombra
meio de sol
vinte e dois em cuecas

⁷ Não só por ter público durante as gravações (sublinhando as intervenções dos convidados com palmas de apreço e acordo, mas pontualmente também com manifestações de desagrado), mas sobretudo por tanto se entrevistarem pessoas comuns como personalidades nalguns casos arredadas da comunicação por motivos políticos, *Zip-Zip* ocupa um lugar de destaque na história da televisão em Portugal por revelar ao chamado “grande público” um Portugal mais “verdadeiro” e diversificado do que a RTP até então mostrara. Também a nível musical foi neste programa que iniciaram a sua carreira alguns dos chamados “artistas de intervenção”, intérpretes de canções com textos mais politizados (se bem que “camuflados” em metáforas).

jogando futebol
correndo saltando ziguezagueando
ao som dum apito
dum homem magrito
também em cuecas
e mais dois carecas
com uma bandeira
de cá para lá
de lá para cá

Bola ao centro
bola fora
fora o árbitro!

E a multidão
lá do peão
gritava
berrava
gesticulava
e a bola coitada
rolava no verde
rolava no pé
de cabeça
em cabeça
a bola não perde
um minuto sequer
mas a bola é mulher
não sabe o que quer
e zumbindo no ar
como um besoiro
toda redonda
toda bonita
vestida de coiro.

O árbitro corre
o árbitro apita
o público grita.

Bola nas redes
laranjadas
pirolitos,
asneiras
palavrões
damas frenéticas
gordas esqueléticas
esganiçadas aos gritos
todas à uma
todos ao um
ao árbitro roubam o apito.

Entra a guarda
entra a polícia
os cavalos a correr
os senhores a esconder
uma cabeça aqui
um pé acolá
ancas
coxas
pernas
pés.

Cabeças no chão
cabeças de cavalo
cavalos sem cabeça
com os pés no ar
fez-se em montão multidão.

E uma dama excitada
que era casada
com um marido distraído
no meio da bancada
que estava à cunha,
tirou-lhe um olho
com a própria unha!

À unha, à unha!
Ânimos ao alto!...
E no fim
perdeu-se o campeonato!

(TÓSSAN: *Versos côncavos...*: 86)

4. AINDA E SEMPRE, NOVOS CAMINHOS

No início dos anos 70 Tóssan regressa ao Brasil e participa na montagem e decoração de espaços de exposições comemorativas da transferência da capital para a cidade de Brasília, encarregando-se também da renovação de salas do Palácio do Itamaraty, onde se situa o Ministério das Relações Exteriores do Brasil. Fez ainda alguns trabalhos de decoração para salões de instituições públicas, como a Companhia de Eletricidade de Brasília.

As janelas bebem a luz
com sede do Sol
e fico a presenciar o hoje
nesta Brasília-maquete
e a soletrar o dia
na saudade do reencontro
restando-me apenas a mudez
que devorou a sombra
estendida no chão
até que as mãos do dia
fechem os olhos à noite.

(TÓSSAN: *Versos côncavos...*: 37)

Nos tempos em que viajava pela Europa com o Teatro Experimental da Universidade de Coimbra, procurava conhecer o máximo possível das cidades visitadas e sempre o haviam atraído os vitrais das igrejas. No Rio de Janeiro teve oportunidade de juntar mais uma faceta às suas tão versáteis atividades profissionais: a de vitralista, desenhando vitrais para casas particulares (ROSA, 2019: 14).

Regressado a Portugal, já depois do 25 de Abril de 1974, uma fase de grande incremento na publicação de livros, volta ativamente à ocupação de ilustrador, relacionando-se uma parte considerável dos seus trabalhos com o Algarve: desenhos para obras de poetas algarvios, um cartaz para os serviços de turismo locais e até o primeiro logotipo para a Universidade do Algarve (desta vez a “verdadeira” universidade do Algarve), fundada em 1979.

Foi sempre guardando e compilando os seus manuscritos com o objetivo de os publicar de forma organizada, o que acabou por não se concretizar. Embora esse fosse um desejo e, no fundo, tivesse contactos com várias editoras para as quais trabalhava enquanto ilustrador, nunca o perseguiu obstinadamente, já que sempre deixou claro que os textos que escrevia eram essencialmente para serem ditos; daí ter sempre privilegiado a participação em tertúlias, uma forma de convívio social que, todavia, ia pouco a pouco desaparecendo da sociedade portuguesa no último quartel do séc. XX.

Os contos
que conto
e que contei
são contos
que conto
e contarei

Mas se contar
novos contos
que penso
um dia contar
conto
que ao contar
os contos
faço um desconto
dos contos que contar
a quem não
bocejar.

Pôde, porém, usufruir da possibilidade de juntar as paixões pela caricatura e pela escrita humorística no jornal semanário *o bisnau*, publicado em 1983 e 1984. Aí iniciou um projeto que designou de *Lógica Zoológica*, um dos que desejava passar a livro e que consistia em textos sobre animais e respetivos desenhos.

O mosquito
 vem do infinito
 com um alfinete no bico
 tico, tico, tico
 pico, pica, repica
 e torna a picar
 às voltas no ar
 sempre a voar
 sem se ralar
 sem amor
 e com rancor
 torna bisar
 o seu picar.

(TÓSSAN: *Lógica zoológica...*: 126)

o bisnau permitia-lhe também fazer caricatura política, algo que não estava tão habituado a publicar e a que acabou por não dar continuidade, o que também sucedeu com o próprio semanário, que teve vida curta, talvez precisamente por insistir num humor demasiado político numa época em que se sentia já alguma saturação do género.

Os planos de compilação de manuscritos mantiveram-se, mas a morte, por tuberculose, a 12 de agosto de 1991 impossibilitou que chegasse a assistir à sua publicação. Ainda no mesmo ano o ator Mário Viegas (1948-1996), grande apreciador da chamada literatura do absurdo, homenageou Tóssan num espetáculo a que deu o nome de *Totó*, composto por textos humorísticos de autores de nome António, sendo que a maior parte – por terem sido escritos sempre a pensar na coloquialidade – eram da sua autoria.

Na passagem do centenário do seu nascimento, houve finalmente a possibilidade de se apresentarem, numa “caixa” de três volumes, os seus textos, desenhos e pinturas, que integraram também

a exposição *O homem que só queria ser Tóssan*, apresentada em galerias de algumas cidades do país e na biblioteca de um dos polos da Universidade do Algarve. O título tem origem nas palavras proferidas pelo já citado diplomata (e escritor) Alberto da Costa e Silva – o amigo e admirador brasileiro que lhe abriu as portas da Embaixada do Brasil nos anos 60 –, quando soube da sua morte, e sintetizam, de forma singela, a vontade que Tóssan sempre teve de abraçar diferentes áreas criativas, privilegiando a versatilidade em detrimento de uma carreira numa só área, que o teria muito possivelmente tornado mais conhecido mas menos realizado: “*Não queria ser um grande artista, nem um grande ator, escritor ou pintor. Ele queria ser o Tóssan, e o Tóssan ele foi plenamente*”.

BIBLIOGRAFÍA

- CARTER, Ratcliff (1993): *Jackson Pollock: Drip paintings on Paper*. New York, C&M Arts.
- RAMOS, Rui (2009): *História de Portugal*. Lisboa, A Esfera dos Livros.
- ROSA, Vasco, Jorge Silva e Vítor Aleixo (2019): *O homem que só queria ser Tóssan*. Loulé, Arranha-Céus.
- SARAIVA, António José e Óscar Lopes (2017): *História da literatura portuguesa*. Porto, Porto Editora.
- TÓSSAN (2016): *Cão Pêndio*. Figueira da Foz, Bruuá.
- TÓSSAN (2019): *Lógica zoológica, Frutos e desfrutos, Animalia, Contos e descontos*. Loulé, Arranha-Céus.
- TÓSSAN (2019): *Versos côncavos e com versos*. Loulé, Arranha-Céus.

DOCUMENTAÇÃO DIGITAL

- <https://almanaguesilva.wordpress.com/tag/tossan/> [10/12/2021]
- <https://www.aplisboa.pt/hoquei-patins/em-destaque/breve-resumo.html> [10/12/2021]
- <https://barlavento.sapo.pt/cultura/luisa-martins-apresenta-obra-sobre-a-historia-do-carnaval-civilizado-de-loule-1906-1976> [26/9/2021]

<https://fundacaoantonioaleixo.com> [26/9/2021]
<https://pnl2027.gov.pt/np4/caopendio.html> [9/12/2021]
<https://restosdecoleccion.blogspot.com/2012/10/sanatorio-da-colonia-portuguesa-do.html> [28/9/2021]
<https://www.rtp.pt/programa/tv/p16747#> [28/9/2021]
<https://www.youtuber.com/watch?v=Yu4QGW8Tm-o> [10/9/2021]

Alcides Murtinheira

Centro de Língua Portuguesa / Camões

Institut für Romanistik

Universität Wien

Garnisongasse 13 Hof 8

1090 Wien

alcides.manuel.droguete.murtinheira@univie.ac.at

alcidesmurtinheira@camoes.mne.pt